PORTIMÃO: DEBAIXO DAS AMENDOEIRAS FLORIDAS

SUMÁRIO

N.º 36
ABRIL-1942

Fotos: Fernando da Ponte e Sousa

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

Boletim mensal / Assinatura ao ano, 12$00 / Preço avulso 1$00

PROGRAMA (IV)

—Amar!... Cantar!... Crer!...
—Heroismo... Santidade...
—Silêncio.—Solidão.—Deserto...

Um biógrafo de Eva Lavalliére, a grande actriz convertida, conta que ela, devorada pelo desejo de vir a ser uma *«estrêla»* no teatro, e a-pesar-de todos os infortúnios que a perseguiam, desviando-a do seu sonho doirado, se perdia a pregar **estrêlas** em tôdas as peças do seu vestuário.

Em segrêdo, como quem é consumida por uma ideia grande, amassada em febre, Eva cortava e cosia estrêlas de tôdas as côres nas meias, nas roupas brancas, sob as dobras dos casacos, dizendo-se, alimentando-se de pensamentos de um dia — quando? — as pregar também, às claras, nas paredes e no tecto do seu quarto.

Todos os educadores sabem muito bem quanto o método rende: pensando sempre... sempre...; tecendo dia-a-dia, dia e noite, cá dentro, como quem traz no peito um tear e uma teia de mistério... **pensando** e **querendo** sempre o sonho lindo de uma hora bela que lá veiu connosco, é que tantos conseguiram ser... Alguém.

Querer obstinadamente...

Querer *obstinadamente* o heroismo...

Querer obstinadamente a santidade...

Querer *obstinadamente* ser Alguém...

Querer vencer, a-pesar-de tudo... contra tudo e todos... quando se trata de ganhar as vitórias grandiosas do Bem e da Virtude, do Trabalho e da Honra e do Dever...

... as vitórias de Deus e da Pátria...

Querer... obstinadamente... é próprio dos grandes corações.

Ir para diante, por-de-cima de todos os tropeços, magoando mesmo os pés nos espinhos e nos calhaus dos bons e dos maus caminhos. Subir e descer. Tornar a subir e tornar a descer e subir outra vez... Suar, fazer sangue nos pés e no coração. Gastar tudo e recomeçar depois...

Por amor, crucificado à nossa ideia, tôdas as horas do dia e da noite.

E ter já vencido, mas perder logo por culpa dos outros, e recomeçar sem pão, sem dinheiro, sem luz, humildemente, escondidamente, querer assim...

... só as grandes almas.

Mas poucos serão os que não possam alcançar êste título de grandes almas. Os que o querem ser *obstinadamente* **obstinadamente — obstinadamente** também o conseguem.

E aqui está porque a maioria nada faz e nada consegue na vida: não quere obstinadamente.

Não **querem** com alma...
com sangue...
com loucura...
com a vida tôda...

Ideal de rapariga,
... de rapariga portuguesa,
... de rapariga cristã —
quem de vós, filiadas da M. P. F., o não traz nas dobras do seu peito todo cheio de grandes propósitos e de grandes ambições?...

E quem o **quere obstinadamente?**

Tanto prometer e tanto faltar...
Tanto começar e recomeçar...
Tanto desalento e lágrimas perdidas...
Tantos anos, tanto estudo, e dinheiro...
Tanta graça de Deus desprezada...
... porque...
não se **quere obstinadamente!...**

G. A.

O CÍRIO PASCAL

Já repararam num grande Círio que durante o tempo Pascal está colocado num magestoso candelabro, do lado do Evangelho?

Sabem o que êle significa?

Tudo na Igreja tem o seu sentido e êsse círio dá-nos o simbolismo perfeito das festas pascais.

O Círio pascal simbolisa Cristo ressuscitado, embora, antigamente, tivesse também uma função utilitária e prática: iluminar a vigília da noite de sábado santo para Domingo de Páscoa, que os fiéis passavam no templo.

Como a vigília era longa, o Círio tinha de ser grande, e como figurava Cristo, quanto maior e mais belo fôsse, mais digno era do Senhor.

Chegaram a fabricar-se círios pascais com cem libras de pêso! E alguns eram verdadeiras obras de arte com pinturas a côres e a oiro.

Foi até necessário, para evitar exagêros, substituir os ornatos feitos na própria cêra por um pergaminho ornamentado, que se pendurava no círio.

Ainda hoje o Círio pascal se distingue de todos os

Aparição de Cristo a Maria Madalena — Martin Schongauer

Os Peregrinos de Emaûs — Jan Vermeer

Incredulidade de S. Tomé — Guerchin

outros pelas suas dimensões, e como resto dos antigos ornatos, conserva ainda uma cruz pintada, nos braços da qual se enterram os cinco grãos de incenso que simbolizam as cinco Chagas de Cristo.

O candelabro, no qual o Círio pascal é colocado, possue também a sua significação simbólica: em geral, é em forma de coluna, para nos recordar a coluna de fogo que guiou os hebreus à saída do Egipto. Cristo é a Luz que nos guia no caminho do céu.

Algumas dessas colunas chegaram a ter 3m de altura e construíam-se por vezes em mármore, bronze e até prata!

Nos nossos dias, são, vulgarmente, de madeira trabalhada.

No tempo em que os fiéis passavam na igreja a vigília pascal, o círio era benzido ao cair da noite. Agora, que as cerimónias litúrgicas fôram antecipadas para sábado de manhã, é benzido e acêso ao começar o ofício religioso.

A bênção do Círio pascal é uma cerimónia cheia de beleza e dá-nos o sentido perfeito do mistério da Ressurreição. O Círio, apagado, figura Cristo no sepulcro, sem vida; acêso, representa Cristo ressuscitado.

E' êste o mistério que a Santa Igreja canta na bênção do Círio pascal. O Cordeiro foi imolado e pelo seu Sangue remiu-nos! «O' morte onde está a tua vitória?» Cristo ressuscitado já não morre. «O' feliz culpa a de Adão, que devia ser apagada pela morte de Cristo!»

Os clarões da glória de Cristo iluminam e alegram a terra inteira. Dissiparam-se as trevas e todos os homens são chamados a participar dos explendores da luz divina!

O Círio pascal — figura de Cristo ressuscitado — enche de alegria a nossa alma. Na sua luz simbólica é como se Cristo nos aparecesse!

A nossa alegria é semelhante à de Maria Madalena, quando o Senhor lhe apareceu junto ao sepulcro e lhe mandou que anunciasse aos seus discípulos a sua Ressurreição. Também nós sentimos desejos de ir a correr anunciar a todos que Cristo ressuscitou, aleluia! aleluia!

A nossa comoção é semelhante à dos Discípulos de Emaûs, que sentiram o seu coração a pulsar ardentemente quando o Senhor lhes apareceu no caminho e com êles se sentou à mesa!

E a nossa fé na Ressurreição do Senhor é tamanha, que caímos de joelhos para exclamar, como Tomé depois de ter metido a mão nas Chagas de Cristo: Meu Senhor e meu Deus!

Não poderemos dizer como os Discípulos: «Vimos o Senhor!» Mas quimporta? Vimos a sua Luz! «Bemaventurados aqueles que não viram e acreditaram!» E nós acreditamos que o Senhor ressuscitou, vitorioso da morte! Acreditamos que pela sua morte destruiu a nossa morte e que, ressuscitando, nos restituiu a vida!

...E tudo isto nos diz o Círio pascal. Para que o não esqueçamos e a alegria não esmoreça no nosso coração, o Círio pascal conserva-se acêso todos os domingos e dias de festa, até 5.ª-feira de Ascenção... Nesse dia, apaga-se, porque Cristo ressuscitado já não está connosco — subiu ao céu!

Vivamos na luz e na alegria o mistério da Páscoa de Cristo — é o Senhor que passa... Vivamos em paz e na graça o mistério da nossa própria Páscoa — mortos ao pecado, vivamos com Cristo para Deus!

Maria Joana Mendes Leal

CASTRO VERDE — Filiadas da M. P. F. com algumas criancinhas vestidas por elas no Natal

PORTIMÃO — «Tirâmos uma fotografia a brincar com um bezerrinho»

CASTRO VERDE — Grupo de Filiadas

NOTÍCIAS DA M.P.F.

NOTÍCIAS da *Mocidade!* Dá-nos sempre prazer recebê-las, quer nos sejam enviadas pelas Dirigentes ou escritas pela mão das Filiadas.

No nosso Boletim o que mais interessa são precisamente êsses «ecos» da vida da M. P. F., porque são êles que lhe dão o ar de família que gostamos de lhe encontrar.

É pena que tão poucas notícias nos mandem, havendo tanto para contar!

Actos da vida oficial da M. P. F., festas e passeios, de tôdas as manifestações de actividade da organização e de tôdas as suas horas festivas, nos deveriam enviar o relato, acompanhado de fotografias, mas com brevidade, para as notícias não perderem a actualidade e o interêsse.

Aqui fica o apêlo: enviai-nos notícias e fotografias de todo Portugal!

AMIGUINHAS DO NORTE

DÊSTE cantinho do Sul de Portugal, onde eu nasci e vivo, venho escrever-lhes, a-fim-de contar as minhas impressões àcêrca dum passeio que dei com as Senhoras Dirigentes e as minhas colegas da Mocidade Portuguesa.

Fomos tôdas para o campo passear e brincar, e lá tirâmos fotografias que ficaram muito engraçadas. E' digna de ser contada uma das partes da nossa excursão.

Para passarmos dum campo para o outro tínhamos de descer um valado que me dava pelo peito, (não era muito alto, pois os meus doze anos não são muito grandes), e subir uma encosta pequenina, mas muito empinada. Para que as Senhoras Dirigentes conseguissem descer êsse valado, foi o bom e o bonito (como se costuma dizer). Por fim lá o fizeram, não sem algumas dificuldades.

Tirâmos uma fotografia a brincar com bezerrinhos e outra entre os ramos das amendoeiras floridas. Nesta época, o Algarve está completamente coberto de flores, tão lindas, tão branquinhas, que até temos a impressão de que nos encontramos nos vossos campos nevados. Mas vocês, lá, têm a neve sem sol, e nós, aqui, têmo-la, nas flores das amendoeiras debaixo dum sol doirado e brilhante.

Cada árvore parece uma noiva com o seu véu branco, cada encosta o lençol dum enxoval.

E' lindo, muito lindo — podem acreditá-lo — ver campos e mais campos cobertos dessa massa de amendoeiras floridas, que tornam o Algarve risonho e acolhedor.

E por debaixo dessas pérolas, as mais raras, a esmeralda brilhante da erva que cobre os campos, forma um conjunto encantador e alegre, digno da tela do maior mestre.

Como eu gostaria que vocês pudessem ver a paisagem encantadora que nos oferece neste mês esta província algarvia, canteiro português sôbre o Atlântico, terra das moiras encantadas, berço de João de Deus.

Para terminar, envia-lhes um grande chi-coração a amiguinha.

Maria da Conceição de Azevedo Buisel
Infanta, Filiada n.º 87.016 — Divisão do Algar[illegible] —
Ala 2 — Centro n.º 1.

Herdade dos Santos Mártires
Março de 1940

Querida Filha do coração,

Dois caminheiros vêm pela rua abaixo em direção à casa. Os cães ladram-lhes... A Silvéria que está almoçando sai pressurosa da cozinha a ver o que é. Os cães aquietam-se e os homens aproximam-se de chapéu na mão... Não são campónios, não são mendigos, não são fadistas nem ciganos.

— «Quem são?» — pregunto à Silvéria. Responde:

— «Já os conheço por terem vindo mais vezes. Um dêles é comediante; diz que tem numerosa família. Pede alguma coisinha».

— «Que lhes costumas dar?»

— «Pão com azeitonas, ou um prato de sopa, quando há».

— «Pois então dá-lhes agora isso mesmo, se êles ficam contentes, e acrescenta um escudo para cada um».

— «Contentes ficam. Isto para êles é o jantar. A merenda já a pedem mais adiante, na herdade de Dona Ana; o dia é comprido e o caminho também».

Chegam no inverno a vir aos dez, dizendo que têm fome. E' quási que precisa uma criada só para o serviço dos pobres, como sucede na vossa da casa da Beira.

Mendigos verdadeiros também vêm. Alguns ainda põem as mãos e rezam alto quando chegam: é a sua maneira de pedir. E depois rezam quando acabam de comer e entregam a malga da sopa; é a sua maneira de agradecer. Mas são só os mais antigos, os novos não espiritualisam a esmola que pedem e se lhes dá. Julgam-se desobrigados com um simples agradecimento, agradecimento respeitoso isso é verdade. Sabem quanto custa ao lavrador trazer o pão até ao celeiro, o vinho até à adega, a azeitona até ao lagar... Tantas canseiras! tantas! — Comem o pão da semente que não semearam, bebem o vinho da uva que não esmagaram, enche-se-lhes a almotolia do azeite que não caldearam. E' tão generoso o lavrador! Continua a saber dar, e bem melhor do que o pobre de hoje em dia sabe pedir.

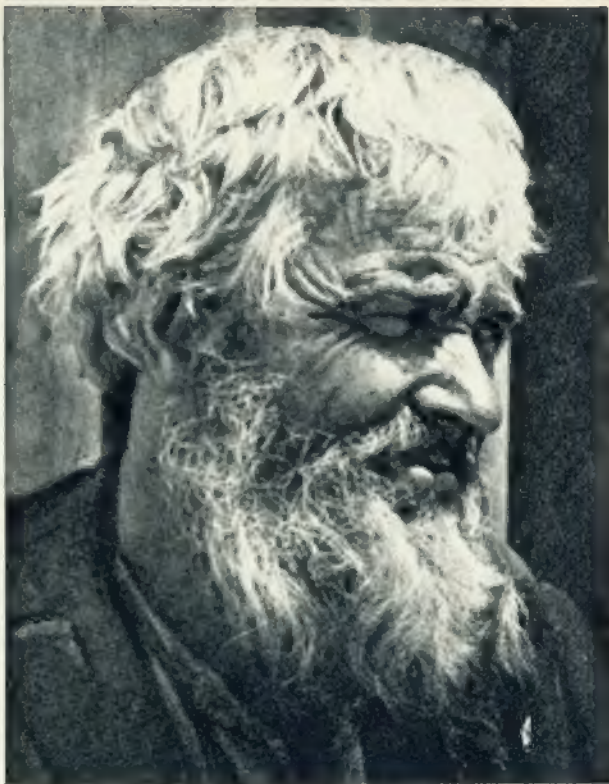
Antigamente, e não há muitas dezenas de anos, o pobre não era um revoltado, nem um inimigo; pelo contrário era amigo menos afortunado, parente que a sorte não tinha favorecido e a quem devíamos tratar com bons modos e deferência. — O pobre, quando encontrava o rico, dava-lhe a saúdação e o rico, fazendo-se cortez e humilde, respondia:

— «Muito boas tardes, Irmão, *Deus seja convôsco...» Isto ouvi eu muitas as vezes e porque o ouvi gosto de o contar. Nesse tempo quem não chamava irmão ao pobre chamava-lhe tiosinho ou tiasinha supondo ainda certo grau de parentesco embora... mais afastado na verdade.*

Dizia-se à saloia que ia a tocar o burrito, de volta para a terra: — «Adeus tiasinha». Ela virando-se sorridente:

— «Adeus, meu senhor!»

Actualmente acabou-se o parentesco, mas, quem é bem educado conserva ainda e sempre as boas maneiras e a deferência mesmo com os humildes. Êles agradecem e é raro que não correspondam.

O mendigo que o feitor chama o «mendigo de confiança» já êste ano aqui se instalou durante mais de oito dias. Foi preciso significar-lhe amàvelmente que se retirasse. — Êste é aquele muito delicado, que conversa muito bem, tem pensamentos vagos sôbre a guerra e outros assuntos remontados. Usa barba, ainda é novo, traz a resalva militar e vários documentos importantes num rôlo de lata a tiracolo. Sempre lhe conheci idéias poéticas. Uma vez — lembras-te? — estando tu, ainda solteira, sentada comigo no jardim e tôda vestida de côr de rosa, veio o «mendigo de confiança» e parou largo tempo a contemplar-te. Não se mexia, admirava enternecido..... Eu deixava porque o seu olhar não ofendia. No fim de um bocado virou-se para mim e preguntou como que a mêdo, com voz muito branda:

O mendigo que o feitor chama o «mendigo de confiança»...

— «E' Rosa? Não é?»

— «Não. E' Maria».

— «Ah!...»

E pôs-se então a contar-te que tinha ido ao Convento de Cristo e tinha entrado na igreja onde operários faziam obras; que estivera na charola e lá vira, a esvoaçar, um passarinho «muito lindo, todo azul!» quando julgava fixá-lo com a vista o passarinho fugia para outro lado..... tornava a fitá-lo e o passarinho azul tornava a fugir...............

...

Com êste mesmo o Manuel teve uma longa conversa, aqui, há dois anos quando o senhor Bispo veiu fazer a sua visita pastoral à nossa freguesia e administrou o crisma. Entre outras coisas o Manuel preguntou-lhe «se êle não gostaria também de ser crismado».

Disse «que sim, que tinha pensado nisso mas, nesse caso, gostaria de mudar de nome...»

— «Então que novo nome tomaria?»

Respondeu muito sério:

— «Ainda não sei bem; mas ou Sommer ou Império....»

O Manuel ainda agora se ri até chorar quando se lembra disto.

Daqui se vê que o «mendigo de confiança» não só tem idéias poéticas como também idéias ambiciosas!.......

E agora pronto; acabou-se a carta. E' para mim tal prazer conversar contigo, querida Filha, que me esqueço de tudo mais e deixo correr a pena, correr........correr.......

Grande abraço da
Tua Mãi

Fotos: Fernando da Ponte e Sousa

COZINHA DE ALDEIA (Cliché de Augusto Luciano Alves)

O FOGO, O LAR E A MULHER

POR

AGOSTINHO DE CAMPOS

O lar quere dizer muitas vezes a casa, a casa de família; mas, primitivamente, a palavra lar *é o nome de um Deus doméstico dos Romanos, o* Lar familiaris, *que êles representavam por pequenas esculturas de madeira, colocadas no* atrium *por cima da lareira. E cá temos outra palavra —* lareira *— derivada do nome do mesmo deus romano, e cujas significações actuais são duas, resultantes uma da outra — pedra sôbre que se acende o lume doméstico; e êsse próprio lume ou fogo, destinado em geral à preparação dos alimentos.*

O fogão, aperfeiçoamento do lar ou lareira, ganhou em comodidade para nós o que perdeu em poesia ou pinturesco, como tudo aquilo de que a técnica se apodera. O fogão é talvez filho do fogareiro, apesar de maior do que êle, pois até o seu nome tem a forma de aumentativo: fogão, fogo grande.

Certo é que as duas palavras lar *e* fogo *vieram ambas a significar* casa de família, *habitação familiar, e daí a própria família. Tal aldeia tem* duzentos fogos, *quer dizer:* duzentas famílias; *e daquele que se casa dizemos que* constituiu um lar, *e ao falar assim impregnamos a palavra* lar *de um mundo de valores morais e sociais.*

O fogo doméstico merece esta sublimação com que a nossa fala o mimoseia, porque êle é o núcleo material da santa instituição da família. Por isso os povos antigos o divinizaram, consagrando-lhe templos cujo culto era ministrado por sacerdotisas, como em Roma as Vestais.

E ¿porque se deu às mulheres êsse honroso privilégio de alimentar o fogo sagrado, tão honroso que aquelas sacerdotisas antigas eram recrutadas entre as donzelas das melhores famílias?

Hoje em dia já não há fogo sagrado. A última palavra a êste respeito é, muito mais prosaicamente, o fogo encanado, *que vem da Companhia do Gás, e por sinal cada vez mais fraquinho. No templo romano consagrado a Vesta, deusa do fogo, eram duramente castigadas as sacerdotisas que deixavam apagar o fogo; agora, se o fogo se apaga torna-se a acender, e não se pensa mais nisso. Inventaram-se os fósforos, e quando apareceram os primeiros baptizou-os o povo com o nome de* lumes prontos, *o que só por si mostra as dificuldades do regime anterior.*

As guardiãs do fogo, nas casas ricas ou remediadas das cidades de agora, já se não chamam Vestais; chamam-se cozinheiras; entre o povo porém, e no campo ou na aldeia, a guardiã do fogo é a pobre mãe de família, e mal sabe ela, coitada, o que esta sua função representa de antiguidade e dignidade.

Pensa muito boa gente, daquela boa gente que faz história e filosofia da história, que a mulher e não ao homem, cabe a honra de ter iniciado a civilização; pois, enquanto o senhor homem primitivo andava por montes e vales e ribeiras, na caça ou na pesca, ou então entretido no desporto das guerras tribais, na caverna familiar, ou no acampamento da sua tribo, ficava a mulher a cuidar dos filhos; e essa, enquanto êles deixavam, ia ensaiando à volta uns primeiros rudimentos de agricultura, e conservando o fogo para aquecimento das pessoas ou preparação dos alimentos. De tal modo, por iniciativa e obra da mulher, foi a espécie humana passando a pouco e pouco da existência nómada para a vida sedentária.

Cada vez que a tribo, provisória ou definitivamente assenta arraiais em qualquer parte, lá ficam as mulheres incumbidas de velar pela conservação da preciosa brasa, que habilitará o homem a viver em climas frios e mais tarde dará origem não só à possibilidade cada vez maior de uma vida de família, mas aos primeiros rudimentos da indústria e do progresso material, os quais nunca poderiam existir sem o auxílio ou colaboração do fogo.

Coisa curiosa: nestes nossos tempos deixou o fogo de ser sagrado e deixou de ser deus; mas ainda se lhe sacrificam vidas humanas, e principalmente vidas infantis, como aos deuses mais sangüinários e mais ferozes da Assíria e de Babilónia. Volta e meia se leem notícias de crianças que morrem queimadas junto das lareiras, enquanto as mães, pobres guardiãs do fogo sem mãos a medir, tiveram de sair de casa e de deixar os filhitos sòzinhos.

No seu romance Calcanhar do Mundo, *um dos mais belos livros de língua portuguesa ùltimamente publicados, o autor, sr. Vergílio Godinho, descreve assim a primeira infância de muitas crianças das nossas aldeias beiroas mais distantes da comunicação e da civilização:*

«Até aos seis meses vivem como sanguessugas, chupando com pequenas intermitências os amojados peitos maternais. Então usam desmamá-los de modo original, ou antes bárbaro, subministrando-lhes fartas tarraçadas de vinho quente, e, quando Deus quer, de água-ardente medronheira. Doravante seu passadio cotidiano vão ser punhados de carrapato sêco ou de grão, servidos nos próprios testos das marmitas, à beirinha dos fogos lareiros, onde os lambões por vezes ardem como pinho sêco na ausência das mães. Muitos morrem antes do ano, indo engrossar a legião dos anjos...»

Morrem de indigestão quando não morrem queimados; e se a gente fôr comodista, e cristã só de nome, deixará correr o marfim, considerando que a Natureza é esbanjadora de sementes ou frutos e que, apesar de tudo, a população vai crescendo animadoramente, além de que a terra já alimenta com dificuldade os que resistem, como logo adiante consigna o mesmo talentoso romancista, escrevendo o seguinte:

«Catraio que escapou do ano é quási garantido, salvo desastre ou andaço grave (...) Desta forma duplica a população em meia dúzia de estios, e o homem trava combates homéricos com a serrania para, aumentando a terra arável, garantir o pão à numerosa prole».

Seja como fôr, desejemos que a solidariedade humana consiga chegar depressa a êsses calcanhares do mundo onde a educação, a higiene, tanta falta fazem e a extrema pobreza agrava ainda a desgraça das pobres mães que nem têm tempo para guardar os filhos pequeninos.

Juntas de freguesia, Casas do Povo, senhoras e meninas do serviço social, filiadas da Mocidade Portuguesa Feminina! Ajudai a levar a civilização cristã aos tugúrios onde o fogo mata por falta de luzes, e vidas inocentes se perdem por bruteza e miséria.

Agostinho de Campos

Nas nossas conversas façamos REPORTAGEM AZUL!

REPORTAGEM AZUL

UMA escritora francesa propunha há tempos — ainda não havia guerra! — que para contrabalançar a «reportagem vermelha» dos crimes e dos escândalos, se publicasse nos jornais uma secção com o título de «reportagem azul», na qual viessem contados actos de virtude que — graças a Deus! — também ainda existem no mundo!

Não sei se a idéia teria sido aproveitada — é provável que não!

Os jornais continuaram com o seu estendal de misérias humanas e agora, com a aluvião das notícias da guerra, menos lugar fica ainda para que no meio dessas notícias sangrentas possa aparecer uma nesga azul de ideal.

Há já bastantes anos que li, no Noël, esta expressão: «reportagem azul». Mas a minha memória guardou-a porque me impressionou e concordei plenamente com os comentários que a acompanhavam.

Sim, porque não há-de cada uma de nós fazer reportagem azul?

Um repórter é alguém que recolhe notícias e informações para as comunicar a um jornal.

Nós não colaboramos em jornais, mas cada uma de nós é um pouco repórter na família e na sociedade.

Recolhemos notícias nos próprios jornais, na rua, nas conversas, na telefonia... Em tôda a parte vemos e ouvimos coisas que descrevemos e repetimos. Estamos a fazer reportagem! E gostamos de a fazer!

Mas visto que todos temos inclinação para repórter, façamos — como pedia essa escritora francesa — reportagem azul!

Para que havemos de comunicar notícias más ou desagradáveis?

Se o mal se nos depara sem o procurarmos, desviemos os olhos sem doentia curiosidade. Não façamos reportagem de coisas que não é digno sequer nomear. Se nos falarem mal dalguém, receemos ter sido mal informadas. Não façamos reportagem à custa da honra alheia, com o diz-se maldoso que fere na sombra...

Meu Deus! Há tantos outros assuntos de conversa, para que havemos de nos entreter numa reportagem maldizente dos erros e defeitos alheios?!

Há pessoas a quem nada escapa e se julgam observadoras e espirituosas porque ridicularizam uma imperfeição física: «aquele nariz!... aqueles cabelos!... aquelas mãos!...

Ou porque apanham qualquer senão que destoa num conjunto de qualidades. E assim deminuem e amesquinham quem vale mais do que elas!

E tão feio ser-se assim!

Outras pessoas são como aves de mau agouro: têm sempre desgraças para profetizar!

Quando a terra tremeu em Novembro passado, houve logo quem segredasse «revelações»: «Haveria tremores de terra durante 7 meses consecutivos e ao 7.º Lisboa seria destruida!»

Outros espalham boatos, fazendo reportagem, inconscientemente, por conta do inimigo.

Mas as palavras de confiança que seria necessário repetir, essas não saiem dos seus lábios fechados — que não sabem rezar, nem agradecer!

Façamos reportagem azul! Não façamos nunca reportagem negra e inquietante. Das pessoas de quem se diz mal não teremos nós algum bem para dizer? Oh! que magnífica reportagem nós faríamos, revelando o bem oculto que viria anular os efeitos de tanta murmuração má!

E para opor a um caso triste não teremos nada de alegre para contar?

Façamos reportagem azul. Que as nossas palavras sirvam para exaltar o bem e a virtude, para transmitir aos outros aquilo que a nós próprios agradàvelmente nos impressionou.

Se assistimos a um desastre ou a uma morte, apressamo-nos a fazer a nossa reportagem sinistra.

Mas passamos por um jardim cheio de flores ou por um recreio de crianças e não trazemos nada que contar!

Quando dêsse jardim deveríamos ter trazido perfume e côr — reportagem de beleza! E do meio dessas crianças o eco dos seus risos — reportagem de alegria!

Raparigas da Mocidade! Fazei reportagem azul! Recolhei na vossa Escola, no vosso Centro, na vossa casa e fora dela, tudo quanto é digno de ser contado! Mas calai tudo o que possa prejudicar, deprimir ou entristecer.

Saber conversar é uma arte e pode ser uma virtude. Numa visita que se arrasta sensaborona ou que tende a cair na má língua, introduzi uma palavra diferente que mude o rumo da conversação.

E não julgueis que só as palavras edificantes fazem bem; um dito alegre e divertido poderá ter ainda maior alcance. A alegria é um dom do Espírito Santo: uma conversa alegre pode ser santificante!

Quantas vezes será caridade interromper um silêncio pesado com uma palavra de bom humor!

Guardemos para as horas sombrias os casos mais sensacionais da nossa reportagem azul. Será, talvez, uma aberta no céu carregado, e por ela aparecerá o sol!

Fazei reportagem azul em família, junto à cama dos doentes, nas vossas visitas, na escola que freqüentais, no Centro da M. P. F. onde vos reunis — em tôda a parte onde um pouco de alegria e de ideal possam tornar mais luminosa a vida!

Coccinelle

E·A·MÚSICA MAIS·LINDA PERDEU-SE

POR

BERTA LEITE

SE o Natal aproxima Jesus das crianças pelas comemorações do seu nascimento e infância, deve também a Páscoa unir os pequeninos a Jesus em memória do grande amor que lhes teve o Senhor de todo o amor humano e sobrehumano.

As verdades indestrutíveis dos Evangelhos inspiraram sempre os artistas, mais fortemente atraídos pela beleza eterna, àquele ponto que enfeita ou acrescenta o documento pela sensibilidade própria que aliás pouco ou nada o altera.

Nesta doce e tranqüila Páscoa portuguesa apraz-nos portanto contar às nossas leitoras de menos idade a lenda suavíssima da música que se perdeu e que só elas poderão talvez um dia ressuscitar.

. . . .

Um dos passos mais tocantes da vida do Divino Filho da Virgem Maria é sem dúvida aquele a que S. Mateus se refere da seguinte forma:

«Naquela hora chegaram-se os discípulos a Jesus dizendo: *Quem julgas que é maior no reino dos céus?*

Chamando Jesus a um menino o pôs no meio dêles:

E disse: — *Em verdade vos digo que se vos não converterdes e fizerdes como meninos, não entrareis no reino dos céus.*

Qualquer pois que se humilhar como êste menino êste é o maior no reino dos céus...»

E mais adiante no capítulo dezanove: — *Deixai os meninos não os embaraceis que êles venham a mim: porque dos que são tais é o reino dos céus.* E tendo pôsto as mãos sôbre êles, partiu dali».

S. Marcos ao narrar o mesmo episódio acrescenta mesmo que Jesus abraçou o menino que colocou no meio dos discípulos.

Mas todos os Evangelistas seguem os seus depoimentos da vida de Cristo sem nos darem outras notícias dos pequeninos que só pela mão da lenda voltam hoje à nossa ternura e à nossa saüdade.

Diz a tradição que no dia negro em que o Salvador do mundo foi crucificado, êsses inocentes pediam ingènuamente às multidões excitadas que os deixassem ir até ao Calvário.

Queriam cantar ao Senhor que tinha morrido, Áquele que os afagara como ninguém mais ainda o fizera.

A licença foi-lhes negada.

Então combinaram fugir de noite e esperaram pacientes a sua hora.

Tendo finalmente chegado junto à Cruz do Redentor entoaram todos em côro notas como açucenas perfumadas e leves como azas de pombas brancas...

Ninguém lhas ensinara.

Ninguém as guardou.

E a música mais linda perdeu-se.

Era a melodia da gratidão.

REMBRANDT — Jesus abençoando as crianças

PÁGINA DAS LUSITAS

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

• Tagarelices da Senhora Maria •

A história de hoje — começou a senhora Maria naquela tarde — é muito linda: é a de Martim Moniz. Reinava então o primeiro rei que nós tivemos. Como se chamava êle, menina Vérinha?

— Bem sei, bem sei, senhora Maria: D. Afonso Rodrigues! — respondeu Véra, convencida.

— Ai, nunca se ouviu uma coisa assim! — gritou José Manuel, rindo a bom rir.

— Henriques, menina; D. Afonso Henriques é que era o nome do primeiro rei de Portugal. E nesse tempo, meus meninos, ainda a cidade de Lisboa não era nossa.

— Era dos mouros! — declarou Maria Joana.

— E a nossa gente resolveu que havia de a tomar aos malfadados mouros, fôsse como fôsse. Mas os mouros tinham-na muito bem defendida, cheia de muralhas altas à roda, e os tôpos dessas altíssimas paredes eram assim como se tivessem dentes!

— Oh senhora Maria, essa é que eu não esperava — disse Maria Domingas — então os muros podem ter dentes?!!

— Podem, sim senhor — explicou José Manuel — E entre esses grandes dentes de pedra, a que se chamam ameias, é que se punham os homens com setas e atiravam-nas cá para baixo!

— Tal qual — continuou a velhota — E não era coisa fácil conquistar os castelos que defendiam as terras! Este de Lisboa chamava-se o Castelo de S. Jorge. Mas os portugueses foram sempre uns grandes valentões: e à frente dêles na tomada de Lisboa ia, não só o Rei D. Afonso Henriques em pessôa, mas um certo Martim Moniz que era dos mais valentes daquele tempo!

— Se calhar era parente do Egas Moniz.

— Pois julgo que sim, menina Alicinha: uma gente de alto valôr. Ora já mais duma vez os portugueses tinham tentado forçar as enormes portas das muralhas; mas qual! resistiam como se nada fôsse e nem abaladas ficavam!

— Seriam de ferro?

— Madeira, ferro, prêgos, tudo isso era forte; e o assalto ia-se prolongando tanto que já quási desanimava a nossa gente, a lutar como leões e a apanhar com setas, pedregulhos e tudo mais lá de cima, do alto dos muros!

— Devia ser medonho! — gemeu Vera.

— Ora tanta fôrça fizeram que conseguiram abrir uma nêsgasinha do portalhão!

— Ah, ainda bem!

— Os portugueses, quando viram a nêsga da porta a abrir-se, atiraram-se de cabeça! e então o Martim Moniz que fez, meninos? Meteu-se na abertura da porta e ali se deixou entalar para abrir caminho aos portugueses!

— Oh meu Deus, como é que se pode ser assim valente! — murmurou Alicinha.

— Os portugueses nunca foram medrosos — disse José Manuel.

— E os outros tiveram a maldade de passar por cima dêle? — preguntou Maria Domingas, indignada.

— Tratava-se de tomar Lisboa! De servir a Pátria! De pensar, antes de mais nada, nos interesses de Portugal! — explicou José Manuel, com entusiásmo.

— E graças a êsse heroi que se chamava Martim Moniz, tomou-se a cidade de Lisboa aos mouros em 1147. E lá está ainda, no Castelo de S. Jorge, a porta onde êle se deixou entalar! — concluiu a bôa velhota com respeito.

• DEUS NÃO •

(Continuação do número anterior)

D. ERMELINDA *(à irmã)* — Olha, Augusta, pode pôr-se um anúncio no jornal a pedir aos parentes do sr. Paulo de Oliveira para comunicarem connosco.

D. AUGUSTA — Lá por causa das despezas com a Luzita, não; essas faço eu com muito gôsto e bem sabes que posso fazê-las, Linda.

LUZ *(abraçando D. Augusta)* — Que bôa que a senhora D. Augusta é para mim!

D. ERMELINDA — Olha, filhinha, é preciso pensarmos que Deus Nosso Senhor olha por nós todos. Faremos o que pudermos para encontrar a tua família e até chegar êsse dia fazes de conta que nós somos tuas tias, queres?

LUZ *(saltando-lhes ao pescoço)* — Tia Augusta! Tia Linda! Queridas santas tiasinhas!

. . . .

Em letras enormes tinham os jornais falado da tragédia daquele infame torpedeamento, e todos eram unanimes em considerar mortos os tripulantes do último escaler: o comandante, o imediato, e, além de mais quatro nomes desconhecidos, figurava também o do engenheiro Paulo de Oliveira.

E, embora as boas senhoras Cabraes tentassem esconder os jornais, não puderam impedir que Maria da Luz lesse as notícias da sua provável orfandade. Tornou-se triste e silenciosa; e duma docilidade tal que comovia as boas senhoras até às lágrimas!

D. AUGUSTA — Não podemos deixar-te sem educação, Luzita; custava-te muito se te puséssemos num colégio?

MARIA DA LUZ *(triste)* — Custar, custa; mas quero estudar, tia Augusta. Que diria o meu paizinho se um dia voltasse e eu não soubesse senão ler e escrever?

D. ERMELINDA *(beijando-a)* — Pensas com muito juízo, minha jóia. Vamos pôr-te no Colégio das boas Irmãs Dominicanas, queres?

D. AUGUSTA *(sorrindo)* — Verás como gostas de lá estar: e aos sábados vens para casa!

MARIA DA LUZ *(com interêsse)* — E há lá muitas pequenas?

D. ERMELINDA — Mais de cem, Luzita!

Maria da Luz entrara, contente, no Colégio das Dominicanas, agora instalado numa esplêndida quinta dos arredores de Lisboa.

Inteligente e aplicada, Maria da Luz aprendia tão bem que breve se tornou uma das melhores discípulas do colégio; mas a sua tristeza isolava-a das outras pequenas, o que desconsolava as boas Irmãs.

IRMÃ S. JACINTO — Porque não entras na roda, Luz?

LUZ — Gosto mais de estar sòzinha, minha Irmã.

IRMÃ S. JACINTO — Porquê, minha filha? Elas são tôdas boas e tuas amigas!

...a sua tristeza isolava-a das outras pequenas...

Ficam tristes se não quiseres entrar nas suas brincadeiras!

LUZ *(abanando a cabeça)* — Não ficam, não; não gostam de mim. Tôdas elas têm... — e Maria da Luz calou-se.

IRMÃ S. JACINTO *(admirada)* — Têm o quê?

LUZ *(baixo)* — Têm pais; e eu não.

IRMÃ S. JACINTO *(abraçando-a)*.—Isso não é culpa tua, Luz; é mais uma razão para serem tuas amigas.

E a boa Irmã, pegando na mão de Maria da Luz, levou-a para o alegre grupo, que no terreiro cantava e dansava.

Ranacataplana mata aquela ratasana! Pararam um momento para que Maria da Luz entrasse na roda; e a Irmã S. Jacinto afastou-se. Uma das pequenas, com duas trancinhas loiras a emoldurar-lhe a cara bochechuda e córada, chamada Carolina, era a que cantava o verso improvisado; e o côro todo respondia: *ranacataplana mata aquela ratazana.*

CAROLINA *(cantando)*:

> Oh que festa nós faremos
> Quando o Natal chegar!
> O Paisinho e a Mãisinha
> Ambos nos hão-de beijar!

(parando a roda)
— Isso é para quem tem Paisinhos, já se vê!

ZECA *(olhando Maria da Luz)* — Quem os não tem, escusa de cantar êsse verso!

MARIA DA LUZ — Eu não cantei nada, nem quero cantar.

ZECA — Então para que entraste na roda?

MARIA DA LUZ — Porque a Irmã mandou.

FRANCISCA *(aproximando-se de Luz)* — Não faças caso da Zeca, Luz; vamos cantar outro verso. *(Cantando)*.

> Oh que festa nós faremos
> Quando o Ano Bom chegar
> As cantigas e as danças
> Nunca mais hão-de acabar!

E como a Irmã S. Jacinto, admirada da paragem, se aproximava, a roda foi seguindo; mas pouco depois parou, separando-se as pequenas em vários grupos.

CAROLINA a Zeca — A Luz ficou fula!

ZECA — Eu é que me não ralo: e se ela não tem senão tias postiças, que não lhe são nada, para que é que anda neste colégio?

CAROLINA — Como é que tu sabes isso?!

ZECA — Disse-m'o a criada das compras.

MARIA TEREZA *(confidencial)* — Ohem, o pai dela desapareceu no mar, nunca teve sequer um entêrro!!

CAROLINA — Ela é esperta; mas tão tola como não há outra!

ZECA — São as tais tias, que não lhe são nada, que a sustentam por esmola!

E, com ares rancorosos, as pequenas olhavam a pobre Maria da Luz, sentada num banco de pedra entre Francisca e Maria Rita.

MARIA RITA — Olha, Luz, não faças caso delas; o que elas têm é raiva por tu seres a primeira em tudo!

MARIA DA LUZ — Se vocês tivessem conhecido o meu adorado pai! E a minha mãizinha, que linda que era!

FRANCISCA — E nunca apareceu o corpo do teu pai?

MARIA DA LUZ *(triste)* — Nunca...

MARIA RITA — Então como sabem que êle morreu?

MARIA DA LUZ — Não sei...

A sineta tocava agora com fôrça; e as pequenas iam-se formando, a duas e duas, para entrarem, em cortejo, no vasto e alegre refeitório, depois da lavagem das mãos obrigatória.

III

Haviam passado muitos meses e estava-se já na véspera da grande festa do Colégio. Maria da Luz tinha de recitar várias coisas, de dançar o Minuete, e de tomar parte num número de ginástica rítmica; apresentando, além disso tudo, vários trabalhos que bem mostravam a sua inteligência e o seu bom aproveitamento. O mais importante era uma composição histórica, que ela fizera com verdadeiro talento.

FRANCISCA — Vê lá bem onde puzeste a tua composição de Aljubarrota, Luz; não vá alguém tirar-ta!

MARIA DA LUZ — Que idéia, Chica! Para quê?!

MARIA RITA — Para quê? Para a copiarem, nem mais nem menos!

MARIA DA LUZ *(admirada)* — Eu dou-a a quem ma pedir, Maria Rita; mas quem tem empenho nela? Ninguém, visto que fomos dez a fazer composições de história.

FRANCISCA *(a Maria Rita)* — Ela não tem maldade nenhuma, é certo!

MARIA DA LUZ — E acham que o meu trabalho está bom? Gostava tanto de ter um prémio!

MARIA RITA — É certo que o tens; porque a tua composição é esplêndida, Luz. A mim só me lembra Pinheiro Chagas ou Alexandre Herculano!

MARIA DA LUZ *(rindo)* — Oh Maria Rita, que barbaridade!

Chegou, enfim, o célebre dia; e a excitação reinava entre a população do colégio. O salão de festas enchera-se de todo; as familias das pequenas e imensos convidados conversavam animadamente, entre as boas Irmãs de habitos brancos e escapulário pretos, e a centena de raparigas com os seus uniformes de elegância discreta. D. Augusta e D. Ermelinda Cabral lá estavam também, e regosijavam-se com o belo aspecto de Maria da Luz, de quem as Irmãs só diziam bem, achando-a inteligente e aplicada, com geito para tudo.

Começou a realização do programa; e na ginástica rítmica, ao som duma música especial, encantou tôda a gente o grupo das cinqüenta pequenas, de túnicas brancas muito simples, executando movimentos de graça artistica.

D. AUGUSTA *(à irmã)* — Não é a Luzita a mais graciosa?

D. ERMELINDA — Sem dúvida! E como ela se entrega a tudo o que faz: repara!

UMA SENHORA *(azêda)* — Aquela é a tal pequena de quem o pai desapareceu no mar?

D. ERMLINDA — Para salvar outras pessoas, sim, minha senhora.

(Continua)

...num número de ginástica rítmica

GALINHAS

Existem tantas raças de galinhas e tantas opiniões sôbre as que são as melhores creadeiras e poedeiras, que não nos importa a nós vir discutir êsse assunto, embora interessante. — As nossas galinhas portuguesas, vulgares e saloias, servem-nos muito bem nas circunstâncias actuais. Teem em geral o peito estreito, as coxas magras e... pouca elegância; mas põem bem, são bôas Mães e engordam com facilidade. E àlem disso são fáceis de adquirir em qualquer praça ou aldeia.

Uma das condições para se obterem bons resultados com a creação destas aves é a bôa alimentação que se lhe possa fornecer e isto desde pintaínhos.

Quando se tiram da chocadeira ou (mais vulgarmente) do cêsto em que a Mãe os chocou, para lhes dar de comer, e que vimos aquelas lindas bolinhas fôfas buscar o que lhe damos, nem sempre realizamos que dêsse alimento depende muitas vezes o termos no futuro bôas galinhas e galos robustos.

Deve-se dar aos pintos miolo de pão, ovos cosidos desfeitos, milho miudo, ortigas cosidas, e de vez em quando uma porção de fosfato de cálcio, o qual se encontra nas cinzas dos ossos, que se podem misturar nos alimentos já indicados. Lembra-me de vêr uma velha caseira nossa dar aos pintaínhos, àlem do que já disse, queijinho fresco esfarelado.

A partir da 1.ª semana, até completarem um mês, a ração poderia ser nestas proporções: batatas cosidas 450 grs., farinha de milho 150 grs., farinha de carne 50 grs., ossos frescos raspados 100 grs., ortigas picadas 100 grs., água 150 grs.

Depois do 1.º mês até ao final do 2.º pode-se dar aos pintos as seguintes rações: farinha de milho 500 grs., resíduos de cevada 800 grs., farelo de centeio 200 grs., farinha de carne 100 grs., beterraba cosida 200 grs., água 200 grs. — Nesta idade as distribuições de grãos devem ser de 5 a 10 grs. por cabeça.

Quando já galinhas a sua alimentação é muito mais abundante, como é natural.

O indicado é poderem comer de tudo ou seja arranjarem-se aquelas pápas com farinhas ou cêmeas e verduras, que se lhes dá 1 vez por dia, àlem de raizes, frutas e insectos que vão apanhando, (quando possam andar em liberdade). Em grãos, convem-lhes milho, trigo vulgar e trigo mourisco.

Nas galinheiras «cientificas» dão-se regimens muito aperfeiçoados para crear exemplares magníficos e óptimas poedeiras, mas nestes tempos que vamos atravessando não creio que seja fácil entrarmos em tantas complicações. O que no entanto ajuda à bôa postura das galinhas e é fácil de fazer é misturar em 10 litros de água 1 quilo de cal viva dissolvida e molhar nela o grão, que se deixa secar e em seguida se pode ir deitando às galinhas. Uns 20 dias depois observa-se uma maior postura. Não se pode dar continuamente este grão, mas sim com intermitências.

Com respeito a capoeiras é difícil dizer as que se devem adoptar. Há vários modêlos bons conforme os sitios e fins a que são destinados, mas podemos assentar nas bases gerais que servem para todos. — No interior dos galinheiros, qualquer que seja a construção, os poleiros devem ficar a 60 cm. uns dos outros e a 30 cm. das paredes, calculando-se que 1 metro de poleiro chega para 3 a 4 galinhas, conforme o seu tamanho. Deve-se sempre atender a que estejam num sítio abrigado, exposto quanto possível ao sol, para que não seja húmido.

E' muito aconselhado, modernamente, que a parêde da frente seja em caixilhos de madeira com vidro ou «vitrex» (1) ou não podendo ter estes, com pano cru, que deixe passar a luz mas livre um pouco as aves do frio da noite. Os comedouros são fáceis de construir e nada custosos (Fig. 1). Os melhores bebedouros são de sifão, porque as galinhas não sujam a água e esta se mantem num nível constante. Podem-se conseguir muito económicos por meio de uma vasilha invertida num prato...

O que é sempre preciso arranjar é um «ninho» com palha limpa

NAPERON DE CROCHET

A PEDIDO DUMA FILIADA, PUBLICAMOS ÊSTE NAPERON DE CROCHET. FEITO EM LINHA CRUA, FICA MUITO BONITO

para as galinhas porem os óvos para que assim não se percam nem se quebrem, como acontece quando são postos ao acaso em logares pouco adequados. Existem vários modêlos bons, alguns muito aperfeiçoados (com registadores do número dos ovos, etc.) mas que para o nosso caso não nos interessam, já que desejamos fazer uma capoeira económica. Um cesto ou caixotinho serve, mas o modêlo que aqui vêem é melhor e tem a vantagem de se poder colocar a uma certa altura, o que evita que ratos ou outros bichos vão comer os ovos (Fig 2).

Ainda teria várias coisas a dizer, mas o essencial fica expôsto, embora muito imperfeitamente. — Se quizerem fazer galinheiros em ponto maior e industrializar um pouco a sua produção de galinhas poder-lhes-ei indicar alguns livros que as guiem nesse tão interessante caminho.

Vitrex — espécie de vidro mais resistente do que êste e mais barato.

Francisca de Assis

Foto Fernando de Fonte e Sousa

DIA DE PÁSCOA

O dia de Páscoa chegal... Pela manhãzinha os velhos sinos badalam numa alegria desusada. E' que já ressuscitou o Senhor!

Analisemos um dia de Páscoa na aldeia: Velhos e crianças, homens e mulheres, com os seus melhores fatinhos, todos vão assistir à Santa Missa. Nesse dia até a Missa tem um não sei quê de mais festivo e alegre. Ouvem-se os cânticos de louvor ao Redentor do Mundo e a Bênção parece encher os corações, duma paz mais consoladora e confiante. De volta a casa, todos caminham apressados e só os velhinhos, levando ainda, pendentes das mãos enrugadas, os rosários que tantas e tantas vezes desfiaram em orações fervorosas, caminham atrás, mais lentamente. Nesse dia, até o Sol brilha com mais fulgor e os passaritos chilreiam com mais doçura, como a saüdarem a Divina Ressurreição. Em todos os lares há a refeição melhorada e em todos os rostos alegria. Por essa 1 hora da tarde ouve-se, ao longe ainda, o tanger duma campainha e todos se preparam para receber a Visita do Senhor, que o Pároco da Freguesia vem trazer a tôdas as moradias. «Aleluia! Aleluia! Boas Festas vos dê Deus!» — diz o bom do Pastor ao entrar em cada casa e espalha com o raminho de oliveira a Agua Benta por sôbre tôda a familia que de joelhos e mãos postas beija devotamente o Crucifixo engrinaldado de florinhas mimosas e perfumadas. Enfim, é um dia de Alegria, de Paz, de Bênçãos de Amor e Encanto!

Assim o tem sido!... Mas ai! Como será o dia de Páscoa de êste ano?! Talvez nem haja Sol... Mas presumimos que o haja e tão risonho e fulgurante como nos anos que passaram! Presumimos que haja a mesma alegria, o mesmo ar festivo! No entanto, será possivel que haja essa mesma felicidade em todos os lares, que haja essa mesma alegria em todos os corações?! Não; todos o sabem, todos o sentem. O Mundo vive horas angustiosas e tôdas as almas estão de luto! O dia de Páscoa terá o mesmo significado, terá a mesma santificação, mas nem em todos os lares haverá a mesma alegria, ainda que haja — e haverá — a mesma devoção!

Há famílias completas e criancinhas orfãs sem pão nem lar! Para essas só conta o terror do flagelo da guerra. As labaredas dos numerosos incêndios, o som das derrocadas, chegam até elas, quando não chega a própria metralha, a própria morte! E o Mundo inteiro, mesmo onde Deus não tem permitido que se sofra dessa maneira, vive envôlto em tristeza e todos os corações estão enlutados.

E o Senhor ressuscitará! Porque não pedimos, nós, raparigas da Mocidade Portuguesa Feminina, numa oração mesmo pequenina, ao Senhor, que faça ressuscitar a Paz no Mundo?! Nada custa e quem sabe se Deus nos atenderá...

Vá, companheiras, resai, orai com fervor, no dia de Páscoa, depois e sempre, todos os dias um P. N. e uma A. M., ao menos, a Nosso Senhor, para que faça ressuscitar a Paz no Mundo e dê saúde e vida a Salazar, para que o nosso querido Portugal e o Mundo inteiro volte a ter dias de Páscoa como aqueles dos anos que passaram.

Filiada n.º 29.393 — *MARIA MALO FERREIRA*

Heroísmo... Santidade...

(Resposta ao artigo de G. A. do mês de Fevereiro)

Heroismo... Santidade...
Eis o ca[illegible]inho que conduz
A um I[illegible] cheio de Luz
De Amor e de Verdade...

Escuta ó Mocidade
O lema que tão bem traduz
O que de ti quere Jesus:
«Heroismo... Santidade...»

Com *alguns* santos à frente
De herois... bastava um *bando*
No meio dum mundo inclemente...

Alma a vibrar de contente,
Coração a Deus orando...
Dizei comigo: PRESENTE.

"VULCÃO"

Filiada N.º 225 — Ala 2 — Centro 1

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS